

Desenho infantil e realidades amazônicas: expressões, saberes e culturas a partir do olhar da criança


Children's drawing and amazonian realities: expressions, knowledge, and cultures from the child's perspective

Dibujo infantil y realidades amazónicas: expresiones, saberes y culturas desde la mirada del niño

Wendril Elker Martins Batista¹

 <https://orcid.org/0009-0009-1363-8015>

Kézia Siméia Barbosa da Silva Martins²

 <https://orcid.org/0000-0002-2517-20X>

Resumo: Este artigo investiga como o desenho infantil expressa saberes, culturas e realidades amazônicas sob a perspectiva da criança, evidenciando conhecimentos locais. Especificamente, observaram-se as práticas docentes e realizaram-se interações com as crianças através da linguagem do desenho. A pesquisa, fundamentada em autores como Derdyk (2015), Dutra (2013) e Gobbi (2022), foi realizada em escolas públicas de Educação Infantil em um município do Baixo Amazonas. Adotou-se abordagem qualitativa, utilizando observação participante, entrevistas e análise das produções gráficas infantis. Os resultados revelam que o desenho funciona como uma linguagem simbólica potente, pela qual as crianças comunicam suas percepções do ambiente amazônico, representando elementos da natureza, relações sociais e aspectos culturais da região. Conclui-se que o desenho infantil é uma prática pedagógica relevante, no âmbito escolar e das práticas docentes, para a compreensão dos universos infantis e a valorização dos saberes amazônicos.

Palavras-chave: Desenho infantil. Práticas docentes. Saberes amazônicos.

Abstract: This article investigates how children's drawings express Amazonian knowledge, cultures, and realities from the child's perspective, highlighting local understandings. Specifically, teaching practices were observed, and interactions with children were conducted through the language of drawing. The research, grounded in authors such as Gobbi (2022), Derdyk (2015), and Dutra (2013), was carried out in public Early Childhood Education schools in a Lower Amazon region municipality. A qualitative approach was adopted, using participant observation, interviews, and analysis of children's graphic productions. The results reveal that drawing functions as a powerful symbolic language through which children communicate their perceptions of the Amazonian environment, representing elements of nature, social relations, and regional cultural aspects. It is concluded that

¹ Acadêmico do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: wendrilelker@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais e Zootecnia, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: kezasimeia@ufam.edu.br

children's drawing is a relevant pedagogical practice, within the school context and teaching practices, for understanding children's worlds and valuing Amazonian knowledge.

Keywords: Children's drawing. Teaching practices. Amazonian knowledge.

Resumen: Este artículo investiga cómo el dibujo infantil expresa los saberes, culturas y realidades amazónicas desde la perspectiva del niño, evidenciando conocimientos locales. Se observaron en específico las prácticas docentes y se realizaron interacciones con los niños a través del dibujo como lenguaje. La investigación se fundamenta en autores como Gobbi (2022), Derdyk (2015) y Dutra (2013), fue desarrollada en escuelas públicas de Educación Infantil en un municipio de la región del Bajo Amazonas (Estado de Pará). Se adoptó el enfoque cualitativo, utilizando la observación, entrevista y análisis de gráficas infantiles. Los resultados revelan que el dibujo funciona como un potente lenguaje simbólico a través del cual los niños comunican sus percepciones del entorno amazónico, representando elementos de la naturaleza, relaciones sociales y aspectos culturales de la región. Se concluye que el dibujo infantil es una práctica pedagógica relevante, tanto en el ámbito escolar como en las prácticas docentes, para la comprensión de los universos infantiles y la valoración de los saberes amazónicos.

Palabras clave: Dibujo infantil. Prácticas docentes. Saberes amazónicos.

Introdução

A infância constitui um período privilegiado para a construção de significados sobre o mundo, marcado por múltiplas linguagens, dentre as quais o desenho ocupa lugar central. Por meio de traços, cores e composições, a criança expressa sentimentos, experiências e interpretações de sua realidade, revelando não apenas aspectos subjetivos, mas também elementos sociais e culturais de sua formação. No contexto amazônico, esse processo adquire contornos singulares, uma vez que o ambiente natural, as práticas culturais e as relações comunitárias constituem fontes ricas de inspiração e representação.

Embora o desenho seja uma linguagem fundamental para a expressão infantil, as práticas escolares frequentemente o restringem a atividades livres, pontuais ou de caráter meramente recreativo, o que limita a exploração de seu potencial comunicativo, formativo e pedagógico no contexto educacional. Diante disso, coloca-se a seguinte problematização: de que maneira o desenho infantil expressa e ressignifica os saberes e as realidades amazônicas no contexto da Educação Infantil?

Desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFAM), o presente estudo insere-se nesse debate ao compreender o desenho infantil como um universo gráfico e interpretativo das realidades amazônicas. Nessa perspectiva, estudos como os de Derdyk (2015), Dutra (2013) e Gobbi (2022) evidenciam que o desenho constitui uma via de conhecimento e de construção de identidades, permitindo à criança atribuir sentidos às suas vivências e reelaborar continuamente sua compreensão de mundo.

O trabalho teve como objetivo central compreender como crianças da Educação Infantil, por meio do desenho, representam saberes, culturas e vivências amazônicas. De forma específica, buscou-se: (i) conhecer como as professoras compreendem e trabalham com o desenho infantil na rotina escolar; (ii) observar as práticas de desenho na sala de aula; (iii) identificar elementos amazônicos

presentes nas produções gráficas; e (iv) discutir o papel do professor e da escola frente a essa linguagem, considerando-a como instrumento de conhecimento, comunicação e valorização cultural.

Com esse propósito, optou-se pela abordagem qualitativa, dada a necessidade de interpretar os sentidos expressos pelas crianças em suas produções gráficas dentro da realidade amazônica. Tal perspectiva possibilita valorizar a singularidade das experiências, priorizando a descrição densa e a interpretação dos fenômenos educativos em sua complexidade (Bogdan; Biklen, 1994; Minayo, 2010). O estudo foi realizado em duas escolas públicas de Educação Infantil que atendem crianças de 04 a 05 anos e as respectivas professoras regentes. A seleção das instituições ocorreu de forma intencional, pautada na anuência das unidades para o desenvolvimento da pesquisa e pelo vínculo colaborativo com a universidade em projetos e práticas pedagógicas voltadas à infância.

Foram utilizados três procedimentos principais de produção de dados: observação participante, entrevistas semiestruturadas com as docentes, rodas de conversa e análise das produções gráficas elaboradas pelas crianças no contexto das atividades docentes desenvolvidas na escola, respeitando-se as orientações éticas para a pesquisa. E, para garantir o anonimato, foram utilizados nomes fictícios nas transcrições e descrições apresentadas. O material foi estudado por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011), permitindo a identificação de categorias e a articulação com o referencial teórico.

As experiências culturais vividas pelas crianças influenciam diretamente em suas produções visuais, refletindo elementos enriquecedores por meio dos cenários, espaços naturais, lendas, mitos, contos tradicionais, práticas culturais, os cotidianos e vivências. O estudo justifica-se pela relevância de integrar o desenho infantil às práticas pedagógicas, reconhecendo-o como expressão das culturas da infância e como recurso para uma educação contextualizada na Amazônia.

O desenho infantil e os saberes da criança em espaços e cenários amazônicos

Historicamente, a produção gráfica da infância foi pouco valorizada pelos adultos, sendo frequentemente considerada como simples passatempo. Com os avanços nos estudos sobre a infância, o desenho infantil passou a ser compreendido como prática essencial no desenvolvimento cognitivo, social e cultural das crianças. Andrade e Gonçalves (2018) afirmam que o grafismo infantil representa uma das principais formas pelas quais as crianças comunicam sentimentos, preferências, receios e percepções do mundo.

Para Valêncio (2007), a construção social do olhar infantil sobre as representações do seu entorno deriva, dentre outros aspectos, do aprendizado dos signos e significados que são caros àqueles com quem a criança mantém os laços societários primários, a família nuclear, como daquele que é

disseminado pela educação formal quando esta passa a fazer parte de seu cotidiano. Grubits (2003) ressalta que o domínio do imaginário, tão presente na vida da infância, manifesta-se de forma natural nas produções gráficas. Nesse sentido, o desenho é palco de encenações simbólicas que articulam o real e o imaginário, o individual e o social.

O desenho infantil constitui-se em uma linguagem singular por meio da qual a criança expressa visualmente sua compreensão de mundo, seu imaginário e suas vivências (Dias; Martins, 2019). Para além de uma atividade lúdica, o ato de desenhar revela modos de interpretar o real, de se relacionar com o entorno e de ressignificar experiências. Gobbi (2022) enfatiza que os desenhos permitem compreender o que as crianças fazem, pensam e sentem, deslocando o foco de uma visão adultocêntrica para uma leitura a partir da própria infância.

Nessa perspectiva, o desenho infantil não deve ser reduzido a rabiscos sem sentido, mas entendido como manifestação cultural, histórica e social, que reflete o contexto em que a criança está inserida. Ao elaborar seus grafismos, ela articula elementos da realidade e da imaginação, construindo narrativas visuais que revelam valores, hábitos, atitudes e modos de ser no mundo. Como observa Derdyk (2015), a criança reconstrói hipóteses e desenvolve sua capacidade intelectual e criativa a partir das condições físicas, emocionais e sociais que lhe são oferecidas.

Scaduto (2013) aborda o desenho como estratégia de avaliação criativa e cognitiva, como espaço de comunicação e de elaboração simbólica, especialmente em momentos em que a escrita e a oralidade ainda não estão plenamente desenvolvidas. Santos, Radvanskei e Bachmann (2024) destacam que o desenho funciona como um meio essencial de expressão, permitindo à criança comunicar emoções, percepções e aprendizagens. Trata-se, portanto, de uma prática que mobiliza aspectos cognitivos, criativos e afetivos, possibilitando a construção de significados próprios e coletivos. Para além do papel expressivo, o desenho infantil também se vincula ao desenvolvimento da criticidade. Por meio dele, a criança reflete sobre si mesma, sobre os outros e sobre o meio em que vive, revelando valores, conflitos e descobertas.

No contexto amazônico, essa dimensão ganha especificidade. Os rabiscos e traços das crianças não são meras representações, mas expressões carregadas de significados vinculados ao território, à natureza e às culturas e saberes locais. Ao desenhar, a criança amazônica incorpora símbolos de sua vivência — o rio, a floresta, a fauna, a pesca, as lendas regionais —, revelando pertencimentos culturais que estruturam sua identidade (Dutra, 2013). Os povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros povos presentes carregam um contexto de grande valor simbólico e se traduzem em conteúdo de expressão e aprendizagem, inclusive cenários também de depredação ambiental, decadências morais e negações de direitos.

A criança, ao desenhar, não somente expressa a riqueza que a Amazônia possui, mas permite observar de modo crítico as realidades vivenciadas. Os desenhos, nesse cenário, funcionam como narrativas visuais que dão visibilidade às relações entre natureza, cultura e comunidade. Brito e Marques (2022) reforçam que os saberes culturais infantis carregam marcas das vivências e das identidades das crianças, diretamente vinculadas aos contextos socioculturais em que estão inseridas. O grafismo, assim, se torna veículo de memória e de preservação cultural.

Os desenhos possibilitam identificar a forma como a criança observa e ressignifica seu entorno. Ao representar barcos, redes de pesca, animais, árvores ou personagens míticos, ela atribui sentido ao cotidiano e elabora novas interpretações. Luz e Porto (2023) demonstram que os registros gráficos infantis em comunidades amazônicas funcionam como memória visual do lugar, resgatando elementos ancestrais e denunciando, inclusive, processos de invisibilização cultural. Segundo as autoras, as imagens produzidas pelas crianças da comunidade ribeirinha onde realizaram o estudo, reconstruíram, a partir do imaginário infantil, um espaço de preservação da cultura ancestral, ressaltando o desenho como registro de memória da criança, o meio social e o espaço (lugar e espaço de partilha de conhecimento). Os desenhos se tornaram fontes significativas para a compreensão do sujeito ribeirinho.

Dessa maneira, o desenho infantil no espaço amazônico não é apenas atividade de entretenimento ou manifestação artística, mas também prática de resistência cultural e de afirmação identitária. Ele expressa tanto a riqueza da biodiversidade quanto os desafios sociais, ambientais e históricos vividos pelas comunidades locais.

Em síntese, compreender o desenho infantil como linguagem é reconhecer sua relevância na constituição da subjetividade e da identidade da criança, bem como sua potência para expressar culturas e saberes que emergem de suas vivências cotidianas. Reconhecer o grafismo infantil como forma de expressão cultural na Amazônia é valorizar a criança como produtora de saberes, capaz de elaborar narrativas críticas e criativas sobre seu mundo. Essa compreensão amplia as possibilidades pedagógicas na educação infantil, transformando o desenho em recurso para o ensino, para a preservação cultural e para o fortalecimento das identidades amazônicas.

Práticas docentes e o desenho da criança nas escolas de Educação Infantil em contexto amazônico

Spilere e Camargo (2018) reforçam que a Educação Infantil deve contemplar o desenvolvimento integral das crianças, respeitando e ampliando dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais. Nesse sentido, o desenho se configura como recurso pedagógico relevante, pois estimula a criatividade e promove a construção de aprendizagens significativas.

A análise das entrevistas realizadas com professoras da Educação Infantil evidenciou que o desenho infantil, no contexto amazônico, configura-se como uma linguagem fundamental para manifestações culturais, cognitivas e simbólicas das crianças. Inicialmente, foi traçado o perfil das docentes colaboradoras, de modo a dar visibilidade à formação e ao tempo de experiência no magistério com crianças pequenas.

Observou-se que a professora do Centro Educacional Infantil Gavião Real, com maior tempo de atuação na Educação Infantil, ainda que demonstrasse domínio de práticas diversificadas — como o uso de contos, imagens, músicas, vídeos e rodas de conversa —, não apresentou destaque significativo no incentivo direto ao desenho em suas práticas pedagógicas. Apesar disso, a diversidade de recursos utilizados mobiliza o interesse das crianças e permite a inserção de temáticas relacionadas aos saberes locais. Contudo, percebeu-se que as propostas pedagógicas carecem de maior sistematização voltada para o cotidiano amazônico e para os elementos do entorno imediato da criança.

De modo geral, os desenhos propostos nas atividades escolares ainda não se apresentam de forma planejada e integrada ao contexto amazônico, permanecendo frequentemente como práticas pontuais. Tal lacuna, entretanto, é em parte suprida pela própria iniciativa infantil: quando solicitadas a desenhar, as crianças espontaneamente representam barcos, plantas, canoas e pássaros, reafirmando seu vínculo cultural com os territórios amazônicos.

FIGURA 1 – Criança desenhando na sala de aula – Escola Gavião Real



Fonte: O Autor, 2025.

Enquanto manifestação e linguagem, o desenho impulsiona aprendizagens significativas, pois valoriza os saberes infantis de maneira integral. As representações gráficas elucidam aspectos fundamentais da cultura local, incluindo objetos, vestimentas, brincadeiras, lendas e culinária, revelando tanto a realidade quanto a imaginação das crianças. O desenho, na perspectiva de Derdyk (2015), é o palco de suas criações, encenações, e este universo de construção é particularmente dela. Para o autor, quando há possibilidades de desenhar, a criança tem condições de explorar maior número de grafismos, proporcionando, assim, uma compreensão mais aguçada.

As entrevistas também evidenciaram que as professoras reconhecem a importância do desenho como linguagem da criança. Questionadas sobre os temas que utilizam para fomentar a expressão criativa, destacaram:

Nós trabalhamos assuntos como a família, a região amazônica, os animais, os dias festivos como dos povos indígenas, das mães e entre outras datas, e nisso eles trabalham de forma imaginária, né, também buscam representar algo que eles já viram” (Professora, Jardim III, Escola Gavião Real).

Temas como a representação de um final de semana, de uma história narrada ou de um desenho livre (todas utilizando o desenho), nestas atividades o que é mais presente são as famílias das crianças, os animais e a natureza” (Professora, Jardim II, Escola Onça Pintada).

As falas revelam que a prática do desenho costuma estar associada a situações pontuais, como datas comemorativas e festividades escolares, o que é comum no calendário pedagógico. Apesar de enfatizarem que o desenho é trabalhado de forma planejada, observa-se que sua utilização enquanto objetivo de ensino ainda carece de maior sistematicidade e intencionalidade. É importante considerar que, como afirmam Dutra (2013) e Gobbi (2022), a valorização do desenho deve ser constante, uma vez que muitas crianças abandonam o hábito de desenhar precocemente pela falta de estímulo ou de reconhecimento. Para Greig (2004), é importante acompanhar o processo de desenvolvimento de uma criança conforme seu crescimento e maturação, como um olhar individual, percebendo com sensibilidade a arte presente na infância.

O desenho reflete o que as estruturas mentais da criança permitem perceber e interpretar, e não meramente o que ela vê. Dessa forma, a criança aprende a desenhar ao elaborar hipóteses e construir interpretações sobre o mundo ao seu redor (Pillar, 1996). A autora destaca acerca da sensibilidade dos adultos de não interferir no trabalho da criança durante a realização de sua atividade criadora, deixando-a livre para representar o pensamento. Contudo é fundamental que os mediadores motivem e suscitem o ato de desenhar, valorizando as potencialidades expressivas infantis.

lavelberg (2013) enfatiza que o processo de desenhar envolve a totalidade do corpo e dos elementos circundantes, transcendendo a mera ação das mãos e dos olhos. A autora complementa

que, contemporaneamente, se reconhece que todas as crianças podem desenhar, embora existam múltiplos pontos de partida, de passagem e de chegada no desenvolvimento do grafismo. Essa multiplicidade ressalta a essencialidade do trabalho do (a) professor (a) para impulsionar o desenvolvimento infantil, desde que sua prática se oriente por uma cultura didática do desenho, pois este estabelece uma conexão intensa entre a criança e a realidade.

Nesse sentido, ao compreender o desenho como uma forma intrínseca de comunicação e expressão, a escola potencializa o desenvolvimento de habilidades criativas e cognitivas fundamentais para a vida em sociedade. O desenho, portanto, não deve ser reduzido a uma atividade secundária ou a um mero passatempo, mas consolidado como uma prática pedagógica curricular, capaz de articular aprendizagens, expandir repertórios culturais e conferir visibilidade aos saberes da infância nas realidades amazônicas.

O desenho da criança na Educação Infantil e as experiências vivenciadas na pesquisa a partir dos saberes do contexto amazônico

Este tópico apresenta os resultados da pesquisa de campo, realizada por meio da observação participante em salas de aula de centros de Educação Infantil, em interação com professoras e crianças, com ênfase na linguagem do desenho. Seguindo os princípios éticos, obteve-se autorização da escola e dos docentes para a realização do estudo. Participou-se de momentos de leitura, contação de histórias regionais, rodas de conversa e diálogos que estimularam a curiosidade e a percepção das crianças.

Com base em um planejamento intencional, com sequências didáticas sistematizadas, foram desenvolvidas atividades de produção de desenhos a partir de temáticas amazônicas, evidenciando a riqueza cultural da região e a pertinência do tema investigado.

Na *escola Gavião-real*, observou-se que as professoras introduziam os conteúdos por meio de contos, imagens, vídeos e músicas. Após a rotina de tarefas, era proposta a produção de desenhos livres. Quando questionada sobre o uso de conteúdos amazônicos, a docente destacou a relevância de aproximar os temas da realidade das crianças:

Sim, nesse contexto a gente traz esses assuntos que também fazem parte da realidade deles. Muitos aqui são filhos de pescadores e, quando trabalhamos esse contexto, nós observamos que alguns conseguem desenhar os materiais, os peixes, os rios [...] Utilizamos esses assuntos e trazemos livros que falam da nossa região. Ano passado trabalhamos cartazes do bodó que a gente contava [...] É muito rico trazer esses conhecimentos” (Professora, Jardim III, Escola Gavião-real).

Tal depoimento reafirma a importância de que as educadoras da educação infantil compreendam os aspectos teórico-metodológicos do desenho, bem como os conhecimentos culturais

que o atravessam. Dessa forma, evita-se uma visão limitada dessa linguagem visual, reconhecendo suas potencialidades para aprendizagens significativas.

Após diálogos com a professora, realizaram-se atividades que integraram lendas, culturas indígenas, quilombolas e ribeirinhas, além da fauna e flora amazônicas. As crianças tiveram acesso a imagens da biodiversidade regional e à leitura de obras literárias como *Quintal: um lugar para ser feliz* (Peixoto, 2017), que retrata a infância amazônica a partir dos espaços simples e naturais, e *Um curumim, uma canoa* (Yamã, 2012), que narra a aventura de uma criança indígena em meio à natureza e seus mistérios. As narrativas despertaram atenção e interesse, refletidos nos desenhos produzidos, os quais revelaram elementos do cotidiano e das vivências das crianças.

Na escola *Onça-pintada*, os alunos demonstraram conhecimentos sobre a Amazônia de modo ainda mais participativo, destacando povos indígenas, práticas de pesca, animais regionais e lendas como a do Boto e da Yara. Durante a exploração das temáticas, as crianças associavam as ilustrações à própria realidade, relatando experiências e reconhecendo semelhanças em seus entornos. As produções gráficas revelaram forte presença de elementos culturais locais, confirmando a relação das crianças com o território e a relevância do desenho como prática lúdica e significativa.

O ato de desenhar vai além da representação de formas, cores e traços. Ele constitui uma linguagem cultural, comunicativa e expressiva. Vincular o desenho infantil aos saberes e culturas amazônicas permite refletir sobre a arte, a sensibilidade e o papel do educador na valorização dessa linguagem gráfica, ampliando suas possibilidades de expressão no espaço escolar.

No decorrer das atividades, percebe-se que as crianças não se limitaram a receber informações passivamente. Elas participaram fazendo perguntas sobre as obras, questionando os elementos das imagens e, sobretudo, relacionando-os às suas próprias vivências. Esse processo é significativo porque demonstra que a aprendizagem se consolida quando o aluno encontra sentido no conteúdo abordado, identificando nele aspectos que remetem à sua própria realidade. Brincar no quintal (Figura 2), colher frutas, cuidar das plantas ou observar os elementos da natureza não se configuraram apenas como experiências cotidianas, mas como memórias vivas que foram transportadas para o espaço escolar por meio do diálogo e da produção artística.

FIGURA 2 – Criança brincando no quintal



Fonte: O Autor, 2025.

Além disso, a roda de conversa e a contextualização literária funcionaram como elementos disparadores do processo criativo. O diálogo aberto e a escuta atenta possibilitaram que as crianças compartilhassem experiências, compreendessem melhor o contexto da Amazônia e se sentissem motivadas a expressar, em seus desenhos, aquilo que vivenciam e observam.

A atividade transformou-se em um processo integrador de aprendizagens, no qual a oralidade, a leitura de mundo e a expressão artística se entrelaçaram. As produções infantis observadas, como no caso do desenho de um casal ribeirinho pescando (Figura 3), revelam a forte conexão das crianças com a vida comunitária.

FIGURA 3 – Desenho de um casal ribeirinho pescando



Fonte: O Autor, 2025.

Como destaca Dutra (2013, p. 78), “para as crianças ribeirinhas que se incluem neste contexto, ele é portador de surpresas, de alegrias e de tristezas, estes sentimentos se apresentam com mais intensidade nas crianças”. Derdyk (2015, p. 32) complementa que, “enquanto desenha, a criança canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina, ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo imaginário”.

O trabalho com o desenho infantil, associado a diferentes recursos pedagógicos, favorece uma aprendizagem significativa. Mais do que reproduzir conteúdo, as crianças puderam conectar suas vivências às produções artísticas, fortalecendo a identidade cultural e a valorização da região amazônica.

Tais desenhos não se limitam a reproduzir peixes, árvores ou rios, mas expressam relações afetivas e simbólicas com as vivências. Muitas crianças, filhas de pescadores e ribeirinhos, representam, com riqueza de detalhes, materiais de pesca, barcos e redes, evidenciando que o grafismo infantil funciona como narrativa visual, carregada de memória cultural e identidade regional. As crianças representaram aspectos do cotidiano amazônico, como a floresta, a pesca e a vida familiar. Ao dialogar sobre suas produções, explicavam com clareza os significados atribuídos às imagens. Da mesma forma, ao explorar a obra *Um curumim, uma canoa* (Yamã, 2012), identificaram conhecimentos sobre hábitos, tradições e moradias indígenas.

As representações gráficas, como o desenho sobre vivências de uma família amazonense (Figura 4), trazem à tona dimensões simbólicas da infância.

FIGURA 4 – Desenho sobre vivências de uma família amazonense



Fonte: O Autor, 2025.

Cada linha, cor e textura remete às relações familiares, ao trabalho comunitário e às práticas culturais vivenciadas. Silva e Pasuch (2010) ressaltam que elementos como o rio, as árvores, os alimentos, os animais, as lendas, os rituais e as músicas não constituem apenas conteúdos escolares, mas cenários que estruturam e dão sentido à experiência infantil. Uma pedagogia que articula saberes culturais, imagens e expressão artística, rompe com a fragmentação do ensino. Esse processo possibilita à criança não apenas aprender, mas também reconhecer-se no universo cultural em que está inserida, legitimando sua voz e suas experiências. Em representações gráficas motivadas pelas literaturas amazonenses (Figuras 5 e 6), as crianças expressaram, de maneira vívida, animais da região e lendas como a da Yara e da Vitória-régia, evidenciando como o imaginário regional integra seus processos criativos.

FIGURA 5 – Animais da Amazônia (preguiça, jacaré, cobra e peixe)



Fonte: O Autor, 2025.

FIGURA 6 – Lendas: Yara e Vitória-régia



Fonte: O Autor, 2025.

As motivações apresentadas pelas crianças sobre seus desenhos revelaram intencionalidades próprias, aspectos já observados por Brito e Marques (2022), ao afirmarem que os saberes culturais infantis trazem marcas de suas vivências, identidades e contextos socioculturais. A sequência didática aplicada, nesse sentido, evidenciou três etapas fundamentais: a ativação dos conhecimentos prévios, a ampliação do repertório por meio da literatura e a ressignificação do aprendizado pela produção artística. Cada detalhe representado nos desenhos extrapolou a simples reprodução de imagens, configurando-se como expressão simbólica de pertencimento cultural. Borba (2008, p. 38-39) destaca:

As crianças se encontram em um mundo estruturado por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas que organizam suas vidas cotidianas e suas relações com a realidade a sua volta. É nesse contexto que vão constituindo suas identidades como crianças e como membros de um grupo social. Não devem, todavia, ser vistas como sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta que lhes é imposta, mas como sujeitos que, interagindo com o mundo, criam formas próprias de interpretação e de ação sobre a realidade.

Portanto a escola assume papel central como mediadora desse processo, ao proporcionar espaços de escuta e de expressão em que as crianças possam narrar suas histórias pessoais e atribuir significados a cada detalhe ilustrado. Esta pesquisa reforça a importância de o professor interpretar os desenhos não apenas como representações gráficas, mas como manifestações culturais e narrativas visuais que comunicam as subjetividades e identidades das crianças.

As experiências vivenciadas nas escolas Onça-pintada e Gavião-real demonstram que o desenho infantil constitui uma poderosa ferramenta pedagógica e cultural. Ao expressar sua visão de mundo, a criança ressignifica saberes, reelabora vivências e fortalece a identidade coletiva. Recursos como rodas de conversa, literaturas regionais e imagens mostraram-se eficazes para estimular a criatividade e a curiosidade, articulando o conhecimento escolar com a realidade local.

A inserção de temáticas amazônicas possibilitou às crianças compartilhar seus conhecimentos prévios sobre culturas indígenas, quilombolas e ribeirinhas, além da fauna e flora locais (Figura 7). Nessas interações, as crianças demonstraram não apenas reconhecer elementos de seu entorno, mas também estabelecer relações entre suas vivências e os conteúdos escolares.

FIGURA 7 – Indígenas tomando banho de rio; a oca (ou maloca)



Fonte: O Autor, 2025.

A leitura e a observação de obras literárias, como *Quintal: um lugar para ser feliz* e *Um curumim, uma canoa*, despertaram grande envolvimento, pois suas ilustrações estimularam a observação atenta, a formulação de questionamentos e a associação com situações cotidianas. Nesse sentido, a literatura atuou como mediadora entre o imaginário infantil e a realidade cultural amazônica.

Os resultados analisados apontam para a necessidade de uma educação que vá além da transmissão de conteúdo. Ao considerar a cultura, a história e as vivências das crianças amazônicas, a escola cumpre sua função social de formar sujeitos críticos, conscientes e capazes de valorizar suas raízes. As produções infantis revelaram um olhar sensível e imaginativo, no qual curvas, retas e cores

materializam o universo cultural das crianças, aproximando o ambiente escolar de suas realidades cotidianas.

As produções artísticas também evidenciaram autonomia infantil, mediando diferentes tempos, espaços e expressando realidades diversas. Como destacam Sant Ana e Sant Ana (2019), o desenho, desde os primeiros rabiscos, constitui um marco fundamental do processo de aprendizagem, funcionando como mediador da alfabetização e do desenvolvimento cognitivo. Mais do que uma atividade lúdica, o desenho deve ser compreendido como forma legítima de expressão e comunicação, capaz de revelar pensamentos, sentimentos e imaginações da criança.

Nesse sentido, o desenho infantil estimula dimensões cognitivas variadas, ao articular experiências passadas com a imaginação de novas possibilidades. Desenhar não se limita a uma expressão estética, mas constitui prática formativa, integrando memória, invenção e subjetividade no processo de aprendizagem (Schultz; Ferreira; Foerste, 2025).

Para Minucci (2012), as produções artísticas infantis refletem diretamente os contextos culturais e históricos nos quais estão inseridas, estimulando criatividade e originalidade. Além disso, o desenho permite interpretações múltiplas — visuais e verbais —, contribuindo para a construção de sentidos e para a relação entre quem desenha e quem observa. Conforme argumentam Jesus e Lempke (2015, p. 321).

Especificamente, o desenho é uma importante forma de manifestação das emoções das crianças, pois elas utilizam dos grafismos para revelar o que não conseguiram expressar por meio da fala ou da escrita. O educador deve estar atento a essas delicadas manifestações, observando os desenhos e questionando as crianças sobre a relação existente entre a realidade e o grafismo, [...]. É preciso que o educador, como mediador do conhecimento, proporcione um ambiente que favoreça e desperte a confiança das crianças, contribuindo para que ocorra aprendizagem significativa e que elas se sintam à vontade para desenhar.

Essa prática manifesta emoções que nem sempre encontram expressão na fala ou na escrita, exigindo do educador uma postura atenta e mediadora. Ao valorizar essas manifestações, o professor contribui para a construção de aprendizagens significativas e para o fortalecimento da confiança das crianças em suas próprias produções.

O desenho infantil deve, portanto, ser reconhecido como prática pedagógica, cultural e identitária. Ao articular tradição, cultura e inovação, ele possibilita que a criança se expresse, se reconheça e se orgulhe de sua identidade amazônica. Cabe ao educador assumir o papel de mediador, incentivando essa linguagem e garantindo espaços de visibilidade aos saberes infantis. Assim, o desenho não se configura apenas como recurso pedagógico, mas como prática de preservação da memória

cultural e da identidade coletiva, promovendo aprendizagens significativas, criatividade e pertencimento sociocultural.

O desenho infantil, quando trabalhado de forma integrada, contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e orgulhosos de sua identidade amazônica. Cabe, pois, aos educadores reconhecer essa prática como elemento essencial do processo de ensino e aprendizagem, capaz de articular tradição, cultura e inovação pedagógica. O desenho integra cultura, história e subjetividade, configurando-se como recurso fundamental para a formação e expressão integral da criança.

As experiências e produções criativas das crianças evidenciam que o desenho constitui um instrumento de encantamento, comunicação e expressão, articulado diretamente à realidade cultural e social, como percebido quando a criança faz menção à fauna amazônica (Figura 9), representando graficamente a onça pintada, espécie encontrada nas florestas locais e/ou nas comunidades do campo e beiras dos rios.

FIGURA 8 – Onça-pintada na floresta Amazônica



Fonte: O Autor (2025)

Segundo Almeida e Rodrigues (2020), desde muito pequenas, mesmo antes do ingresso escolar, as crianças demonstram um conhecimento intrínseco sobre o mundo natural. Elas observam e interagem com os seres vivos, fascinando-se com o voo das borboletas, o canto da cigarra, o pulo dos grilos, o trabalho das abelhas nas flores e a organização das pequenas formigas que andam em fileiras e vivem em colônias. É a partir dessas experiências diretas que se constrói o conceito de ser vivo, fundamental para a organização de suas percepções sobre o mundo. Para as autoras, com esse

encantamento e essas experiências diretas é que se constrói o conceito de ser vivo, categoria essencial para a estruturação do pensamento e para a ordenação das percepções sobre a realidade circundante.

Desse modo, a produção gráfica fortalece a aproximação entre a criança e seu contexto de vida, favorecendo o reconhecimento cultural e a valorização das identidades locais. A autonomia evidenciada nas produções artísticas demonstra como cada sujeito constrói sentidos próprios e imprime, em suas obras, marcas de sua realidade. Logo, a arte infantil pode ser compreendida como mediadora entre tempos e espaços, ao mesmo tempo em que expressa diferentes formas de representação das experiências pessoais.

O desenho infantil não deve ser compreendido apenas como recurso pedagógico, mas também como prática de preservação da memória cultural e das identidades amazônicas. Cabe ao educador incentivar essa linguagem, reconhecendo as múltiplas formas de expressão das crianças e garantindo espaços de visibilidade para seus saberes.

A experiência pedagógica analisada evidenciou a relevância dessa prática, destacando que, ao representar situações vividas, a criança exercita a memória, reelabora experiências e reafirma sua bagagem cultural. Por outro lado, ao projetar no papel situações desejadas, ela mobiliza imaginação, realidade e criatividade, explorando cenários que lhe transcendem o cotidiano.

A pesquisa demonstrou, ainda, que a intencionalidade pedagógica é fundamental para a valorização do desenho infantil. Ao recorrer a recursos como contação de histórias, músicas, imagens, vídeos e rodas de conversa, o professor cria condições para que as crianças explorem a criatividade e se expressem de forma espontânea. Desse modo, o desenho deixa de ser uma atividade isolada e assume o caráter de prática mediada, promotora de aprendizagens e significados. O papel docente, nesse contexto, ultrapassa o de mero observador: cabe-lhe atuar como mediador, capaz de articular o grafismo infantil às dimensões sociais, simbólicas e culturais da infância.

Reflexões Finais

A análise realizada permite afirmar que o desenho infantil, no contexto amazônico, desempenha um papel central nos processos educativos, culturais e sociais. Mais do que uma atividade lúdica, o desenho constitui uma ferramenta de comunicação e interpretação criativa da realidade. Ao desenhar, a criança revela percepções sobre seu cotidiano, sentimentos, medos, sonhos e desejos, construindo representações que dialogam tanto com o real quanto com o imaginário. Assim, o grafismo infantil se configura como campo de investigação e prática pedagógica, valorizando a subjetividade da infância e ampliando a compreensão dos saberes que emergem no espaço escolar.

O estudo reafirma que a região amazônica oferece um vasto repertório de símbolos, cenários e significados culturais que enriquecem a produção gráfica das crianças. Rios, florestas, fauna, flora, lendas, mitos e práticas comunitárias tornam-se fontes de inspiração presentes nos desenhos infantis, revelando o grafismo como forma de preservação cultural e difusão de conhecimentos tradicionais. Essa prática possibilita à criança integrar-se às suas raízes e fortalecer sua identidade.

Outro aspecto relevante identificado é que o desenho constitui um espaço singular de comunicação. Muitas vezes, a criança ainda não domina a escrita ou enfrenta limitações na oralidade. Ao desenhar, contudo, traduz percepções e experiências, comunicando-se de maneira plena. Essa linguagem visual, como demonstrado pelos referenciais teóricos mobilizados, não se restringe à expressão artística: trata-se também de um recurso cognitivo, intelectual e analítico, fundamental para compreender como a criança pensa, sente e interpreta o mundo.

A investigação evidenciou ainda que a relação entre desenho, cultura e identidade é indissociável. O grafismo infantil, ao dialogar com a realidade e saberes amazônicos, promove construções de sentido que ultrapassam a dimensão estética, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos, sociais e culturais. Por meio dos desenhos, as crianças expressam experiências pessoais e o imaginário coletivo de sua comunidade, contribuindo para a valorização da diversidade cultural e para a preservação de tradições locais. A escola, nesse sentido, cumpre sua função social ao valorizar saberes locais, ao mesmo tempo em que amplia horizontes de conhecimento. O professor, ao reconhecer essa linguagem, assume o papel de mediador e incentivador dos processos criativos, favorecendo o desenvolvimento integral da criança.

Referências

ALMEIDA, S.; RODRIGUES, G. B. A. Os animais nos desenhos das crianças: um panorama sobre as pesquisas que investigam a representação de animais na infância. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, Cuiabá, v. 8, n. 2, mai./ago., p. 102-124., 2020. DOI: <https://doi.org/10.26571/reamec.v8i2.9615>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/9615>. Acesso em: 29 set. 2025.

ANDRADE, A. N.; GONÇALVES, C. B. Os desenhos infantis nas pesquisas com crianças. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 5., 2018, Olinda. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48466>. Acesso em: 13 jan. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORBA, A. M. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. **Momento - Diálogos em**

Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 29, p. 1-20, e-25575.013, 2026.
Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

Educação, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 35–50, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/749>. Acesso em: 19 set. 2025.

BRITO, A. C. U.; MARQUES, M. C. H. Culturas infantis na Amazônia amapaense: o brincar das crianças e os saberes culturais. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 68, maio, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7030>. Acesso em: 15 out. 2025.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DIAS, R. F. C.; MARTINS, R. Desenhando na Amazônia: mediações educativo-culturais entre imagem e imaginário. **InterFACES**, Rio de Janeiro, n° 29, vol. 1, jan-jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/31486>. Acesso em: 15 out. 2025.

DUTRA, M. A. **Entre grafismos e oralidades**: uma interpretação do imaginário da criança ribeirinha amazônica. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2285?mode=full>. Acesso em: 15 out. 2025.

GOBBI, M. A. Desenho entre mundos: elementos para pesquisar e tentar compreender as crianças a partir dos seus pontos de vistas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 57, n. 2, jul./dez., p. 135–152, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/60213>. Acesso em: 29 set. 2025.

GRUBITS, S. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 97-105, jul./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300012>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300012>. Acesso em: 15 out. 2025.

GREIG, P. **A criança e seu desenho**: o nascimento da arte e da escrita. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IABELBERG, R. **O desenho cultivado da criança**: prática e formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2013.

JESUS, R. M.; LEMPKE, N. N. S. Manifestações emocionais das crianças na educação infantil. **SynThesis Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.6, n.6, dez., p. 309-325. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/120>. Acesso em: 29 ago. 2025.

LUZ, R. R. P.; PORTO, P. F. S. Os desenhos de crianças da comunidade quilombola do rio Itacuruça como registro visual cultural e de memória do lugar. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, XX, 2023, Belém. **Anais [...]**. Belém: ANPUR, 2023. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/11/st13-20.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINUCCI, S. C. D. **As relações entre desenho infantil e cultura**. 2012. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura – Pedagogia) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro/SP, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/119994>. Acesso em: 03 dez. 2025.

PEIXOTO, A. M. S. **Quintal**: um lugar para ser feliz. Manaus: Reggo, 2017.

Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 29, p. 1-20, e-25575.013, 2026. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

PILLAR, A. D. **O desenho como sistema de representação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

SANT ANA, W. P.; SANT ANA, R. P. O valor histórico do desenho e sua importância para o desenvolvimento da criança. **Revista Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 14, n. 1, p. 70-82, jan.-jun. 2019.

SANTOS, R. O.; RADVANSKEI, S. F.; BACHMANN, V. S. Desenho na educação infantil: a importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 147-161, 2024. DOI: 10.52641/cadcaj.v3i3.207. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/534>. Acesso em: 13 fev. 2026.

SCADUTO, A. A. O desenho infantil: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. **Psico-USF**, Universidade São Francisco, São Paulo, vol. 18, núm. 1, abril, 2013, p. 163-164. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401036093018>. Acesso em: 29 set. 2025.

SCHULTZ, B. S.; FERREIRA, S. M. O.; FOERSTE, G. M. S. A literatura mediada pela imagem e a expressão da criança por meio do desenho infantil: experiências e vivências da infância. **Journal of Media Critiques**, [S. l.], v. 11, n. 27, p. e256, 2025. DOI: 10.17349/jmcv11n27-074. Disponível em: <https://www.journalmediacritiques.com/index.php/jmc/article/view/256>. Acesso em: 15 set. 2025.

SILVA, A. P. S.; PASUCH, J. Orientações curriculares para a educação infantil do campo. In: SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPILERE, A. D.; CAMARGO, G. O olhar do pedagogo para o desenho na educação infantil. **Saberes Pedagógicos**, Criciúma, v. 2, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.18616/rsp.v2i2.4246>. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/4246>. Acesso em 29 nov. 2025.

VALÊNCIO, N. F. L. da S. A heterogeneidade representacional da Amazônia nos desenhos de crianças nativas. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, Manaus, v. 7, n. 1, p. 71-86, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/19557>. Acesso em: 25 nov. 2025.

YAMÃ, Y. **Um curumim, uma canoa**. Rio de Janeiro: Zit, 2012.

Recebido: 19/05/2025

Aceito: 02/04/2026

Received: 05/19/2025

Accepted: 04/02/2026

Recibido: 19/05/2025

Aceptado: 02/04/2026

